Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Porantim Class.: 80

Data: 10/84 Pg.:

Porantim Outubro 84

Vinte anos com os Tikuna

Depois de quase 20 anos trabalhando com os **Tikuna**, uma pergunta ao capuchinho Arsênio Sampalmieri: valeu a pena? Encabulado, arrisca a resposta: "Tem dias que a gente começaria de novo, mas tem dia que a gente se arrepende de ter começado. Depende da situação e das reações pessoais daquele momento". E o que aprendeu com os índios nestes anos? Assim, pego meio de supresa, pára uns segundos para refletir e arrisca novamente: "A paciência, o jeito de encarar o mundo, sobretudo. Me ensinaram a viver no sentido de saber distinguir quais são as coisas importantes para a vida e quais são as coisas que a gente pode considerar supérfluas. Por isso, quando o missionário sai do meio daquela gente, se perde atrás das coisas que não são essenciais para a vida. Vendo o desprendimento daquele povo para com as coisas materiais, a facilidade com que prescindem destas coisas, a gente fica, como se diz, chocado, vendo quanto a nossa sociedade é materialista".

Vindo da Itália, em 1965, para a prelazia do Alto Solimões, no oeste do Amazonas, frei Arsênio trabalhou três anos em Benjamim Constant. Depois, foi para a área tikuna, como diz ele "provisoriamente", para substituir um padre que viajara. Este "temporário" durou até hoje.

Ralida Herrero

"Eu vejo sempre um reflexo religioso. Devagar, a religião católica deveria mudar até se adequar àquelas manifestações religiosas"

Antes era um trabalho "quase de desobrigas", mas, desde 1969, compreendeu que "para fazer um trabalho mais sistemático era melhor morar com os índios e participar da vida deles". Foi então para a aldeia Belém do Solimões. Nesse local vive, atualmente, 1650 dos 18 mil **Tikuna** que estão do lado brasileiro. Espalhados em dezenas de aldeias, esse povo habita as fronteiras com o Peru e Colômbia. A maioria vive numa área contínua que chamam de Évare — lugar mítico da origem dos **Tikuna**. São cinco mil índios do outro lado da fronteira, mas não se dividem com essa linha oficial. A ligação entre os dois lados continua sendo feita através de casamentos e de intercâmbios constantes.

MUDANÇAS

Em 1910 o trabalho da prelazia do Alto Solimões foi entregue aos capuchinhos da província de Assis. Essa missão é tida como uma das mais conservadoras do Amazonas, mas, para frei Arsênio, não se pode dizer isso em relação aos que trabalham com os índios, pois, "se não estão a par das idéias modernas, não estão muito mais atrás". Ele ainda afirma que "apesar da falta de contato com outros missionários, houve uma grande mudança".

Parte dessa mudança pode ser sentida no relato do trabalho que faz hoje. "Eu comecei a ter o máximo respeito pelas remanescentes manifestações religiosas do povo. Manifestações que, à primeira vista, podem parecer uma coisa folclórica, como a festa de iniciação das moças, a pintura que dão aos meninos e em todas, praticamente todas, as manifestações sociais dos **Tikuna**". Frei Arsênio ainda complementa: "Eu vejo sempre um reflexo religioso. Devagar, a religião católica deveria mudar até se adequar àquelas manifestações religiosas. Por isso que, praticamente, passei a ser defensor dos mitos, da cultura tikuna, destas festas. Porque, para mim, era uma manifestação religiosa remanescente no povo e sobre essas manifestações pode ser implantada muito bem a religião católica".

Ralida Herrero

Frei Arsênio

Ele acredita que, para isso se concretizar, precisaria haver uma flexibilidade maior nas novas leis que estão fazendo, que estão sendo estudadas no direito canônico. "Acredito — afirma o capuchinho — que a religião não é uma coisa única para todos os povos do mundo, mas que cada povo deve ter o direito de adaptá-las às manifestações, ao menos exteriores".

Nesses anos todos em que Frei Arsênio atua no Alto Solimões, as mudanças a nível da prelazia foram muitas. Uma delas, foi provocada por um movimento messiânico que surgiu na região em 1972. A maior parte dos **Tikuna**, então católicos, se envolveu no movimento liderado pelo Irmão José da Cruz, que reunia índios e não-índios em volta de cruzes edificadas, simbolizando a salvação. Devido ao surto messiânico, a Igreja se isolou dos índios. "Tive de me adequar à nova situação, diz o frei. Daí em diante se acentuou em mim, como único representante da Igreja naquela região, toda a inimizade contra a Igreja católica". De certa forma este movimento — agora com menos influência na vida dos **Tikuna** — propiciou uma redefinição do trabalho indigenista na região e uma tentativa da Igreja de atuar diferentemente, reconsiderando antigas posições.